

## RESENHAS

### TEOLOGIA

MALDAMÉ, Jean-Michel, **Création par évolution. Science, philosophie et théologie**, coll. «Théologies», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr.), Paris, 2011, 280 p., 215 x 135, ISBN 978-2-204-09315-6.

Face às polémicas que a teoria da evolução vêm suscitando, Jean-Michel Maldamé propõe-se mostrar neste livro a sem-razão das posições extremas, tanto daqueles que se reclamam de um criacionismo fundamentalista como dos evolucionistas que defendem que a evolução é incompatível com toda a ideia de criação e, em geral, com a fé cristã. Assume, de entrada, a seriedade do problema, em que estão envolvidas coisas tão relevantes como a origem e o destino da vida humana, a negação da providência divina em favor do abandono do homem e do mundo ao puro acaso, enfim, a autoridade dos textos bíblicos e de alguns dogmas fundamentais da fé cristã.

Posicionando-se como filósofo em pensamento de rigor, sem a paixão que muitas vezes acompanha a apologética de qualquer das teses extremistas referidas, Maldamé apresenta a teoria da evolução, mostra a longa filiação daquelas teses, reclama uma leitura avisada da Bíblia, fornece um panorama das investigações actuais no campo da teologia filosófica, propõe uma correcta articulação entre filosofia e ciência, oferece uma teologia renovada da

acção de Deus a operar no curso da vida. Ao mesmo tempo que reconhece o valor da ciência, convida a ir mais além, colocando a questão da origem e do fim.

O livro está dividido em quatro partes. Na primeira – «La vie en sa grandeur» –, Maldamé expõe a teoria da evolução em suas diversas linhas de orientação, procura estabelecer o lugar do homem na natureza e descreve o estatuto da ciência e da sua relação com a filosofia. Na segunda – «Bible et sciences de la nature» –, detém-se sobre a leitura da Escritura e o sentido literal da Bíblia, dedicando um capítulo próprio ao criacionismo na sua versão fundamentalista, pondo em evidência que ele releva precisamente de uma leitura literal da Bíblia, com o inerente desconhecimento do seu verdadeiro estatuto epistemológico que não pode ser identificado nem com uma palavra divina dita de modo absoluto (sem ter em conta a mediação da palavra humana em que se exprime, sempre relativa em vários aspectos) nem com um livro de ciência. A terceira parte – «Théologie naturelle» – passa em revista, em três capítulos sucessivos e com o pertinente juízo crítico, a teologia natural até Darwin, o movimento do *Intelligent Design*, desenvolvido sobretudo nos EUA, e a teologia natural hoje. No primeiro destes, presta particular atenção ao choque da teologia natural com a modernidade científica (com referência concreta a H. Spencer, Francis Galton, Ernst Haeckel e Richard Dawkins), dedica algumas páginas ao pensamento religioso de Darwin e à sua própria ati-

tude de homem que, não obstante o seu agnosticismo e a recusa da teologia natural, assumiu, nomeadamente no plano moral, a visão cristã que herdou da tradição. No segundo, depois de analisar o ateísmo como «ideologia científica», resume as posições pró e contra a necessidade de um *Intelligent Design* (Michel Denton, Philipp Johnson, Michel Behe e William Dembski). O terceiro capítulo procede a uma crítica resumida de algumas modalidades insuficientes de teologia natural, aponta para a necessidade de afirmar, e ao mesmo tempo distinguir, diversas ordens de causalidade, considera insuficiente a teoria do *Intelligent Design* por entender a criação como intervenção divina apenas no começo do mundo e abre perspectiva para a quarta e última parte do livro: «L'action de Dieu dans l'évolution». É aqui que Maldamé expõe a sua própria maneira de ver a compatibilidade, e mesmo a necessidade, da acção criadora de Deus na própria evolução. Começa por explicar a noção teológica da criação, fazendo questão de distinguir (como já fizera em outro livro a propósito do pecado original) entre começo e origem, bem como entre criação inicial e criação contínua. Analisa em seguida a noção de finalidade, com particular aplicação à evolução. Procede ao confronto desta noção com a de acaso, com interessantes relacionamentos entre contingência e possibilidade, desígnio e acção de Deus, acção de Deus e liberdade. O último capítulo é dedicado à especial acção de Deus em prol da humanidade. O autor detém-se aí em pertinentes considerações sobre continuidade e contiguidade, sobre a criação da alma, e outros problemas, terminando com um cotejo do pensamento exposto com as duas narrativas do livro do Génesis sobre a criação.

O livro, embora com um desenvolvimento dos vários temas reduzido ao essencial, mas sempre, à boa maneira

francesa, muito claro no discurso, convida a um maravilhamento em face da beleza do processo do mundo e sobretudo da beleza da vida, por detrás dos quais a inteligência do sábio não deixa de reclamar a permanente presença e acção da mão de Deus criador.

JORGE COUTINHO

GARRIGUES, Jean-Miguel, **Le Saint-Esprit, seu de la Trinité. Le Filioque et l'originalité trinitaire de l'Esprit dans sa personne et dans sa mission**, coll. «Cogitatio fidei», Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2011, 245 p., 215 x 135, ISBN 978-2-204-09384-2.

Jean-Miguel Garrigues, dominicano, professor de teologia e membro do Conselho Pontifício de Teologia, procura aprofundar, fundamentar e clarificar a doutrina católica da processão «*Filioque*» do Espírito Santo. Como é sabido, este é um ponto que tem causado alguma perturbação, nomeadamente em relação à teologia dos ortodoxos gregos que acusam os católicos de professarem uma relação de subordinação do Espírito Santo em relação ao Pai e ao Filho.

Depois de ter contribuído, como perito, para a redacção do documento de «Clarificação», *As tradições grega e latina a respeito do Espírito Santo*, publicado pelo Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos em 1995, a pedido de João Paulo II, tem procurado nas fontes patrísticas e na teologia de Tomás de Aquino aprofundar esta problemática. O presente livro contém o resultado da sua investigação. Está dividido em quatro partes. Na primeira, o autor procede a um comentário teológico sobre aquela «Clarificação» romana. Na segunda,